



EMCAPA

Empresa Capixaba de Pesquisa Agropecuária

Caixa Postal - 125

29.154 - Campo Grande - Cariacica (ES)

Vinculada à Secretaria de Estado da Agricultura

ISSN

PESQUISA EM ANDAMENTO

Nº 02 agosto/1982 p.1/3

AVALIAÇÃO DE NÍVEIS PROTEICOS E ENERGÉTICOS NA ALIMENTAÇÃO DE SUÍNOS. I. NÍVEIS ENERGÉTICOS COM DIFERENTES SEQUÊNCIAS PROTEICAS

Antonio Ilson Gomes de Oliveira¹
José Rodrigues Teixeira Filho²

As criações de suínos do Espírito Santo têm sido prejudicadas pela utilização indiscriminada das exigências nutricionais para suínos determinadas em países de climas frios, tendo em vista que grande parte do território deste Estado alcança temperaturas médias anuais superiores a 22°C.

Trabalhos de pesquisa desenvolvidos em ambientes climatizados têm mostrado a possibilidade de redução dos níveis de proteína, em climas quentes, bem como vantagens do aumento dos níveis energéticos.

O presente trabalho objetiva estudar níveis energéticos e sequências de níveis proteicos nas rações de crescimento e terminação de suínos.

Para tanto, foram utilizadas as instalações do Centro Agropecuário da Universidade Federal do Espírito Santo-CAUFES, em Alegre-ES, e os animais do Sr. Luiz Borges. Com peso médio inicial de 20 kg, 40 leitões foram distribuídos na base de um macho e uma fêmea por baia. Utilizaram-se 5 blocos e os seguintes tratamentos:

A - 3.600 kcal de ED e níveis de 17% PB até 55 kg de peso vivo e 15% PB de 55 a 95 kg

¹Ex-pesquisador EMBRAPA/EMCAPA, atual Professor Assistente do Departamento de Zootecnia da Escola Superior de Agricultura de Lavras (ESAL)-MG.

²Professor Assistente do Centro Agropecuário da Universidade Federal do Espírito Santo (CAUFES)

B - 3.390 kcal de ED e 16-14% de Proteína Bruta

C - 3.180 kcal de ED e 15-13% de Proteína Bruta

D - 2.970 kcal de ED e 14-12% de Proteína Bruta

A composição das rações está na tabela 1. Os animais foram pesados semanalmente.

Os resultados (tabela 2) mostram melhores resultados para animal submetidos a rações mais energéticas e proteicas. Uma análise da relação lucro/despesa e videncia, entretanto, que a ração com maior nível de energia e proteína foi menos econômica que as demais, possivelmente pelo alto custo do óleo usado para elevar o nível energético desta ração. A ração recomendada pela pesquisa em outros países (ração B) mostrou ser tão econômica quanto aquelas com níveis mais baixos de energia e proteína.

TABELA 1 - Composição das rações experimentais

Energia/Proteína	3.600		3.390		3.180		2.960	
	17	15	16	14	15	13	14	12
Milho	66,65	70,24	63,24	10,57	68,94	76,38	64,07	69,04
Farelo de soja	23,63	17,40	18,53	13,95	17,65	13,40	16,85	11,30
Farelo de trigo	2,44	5,65	13,13	3,17	5,70	0,63	4,34	4,69
Óleo de soja	4,44	4,46	2,35	-	-	-	-	-
Sabugo	-	-	-	-	4,85	7,22	11,81	12,61
Fosfato bicálcico	1,69	1,11	1,46	1,17	1,67	1,29	1,77	1,26
Calcário	0,45	0,44	0,59	0,44	0,49	0,38	0,45	0,40
Sal	0,50	0,50	0,50	0,50	0,50	0,50	0,50	0,50
Premix	0,20	0,20	0,20	0,20	0,20	0,20	0,20	0,20
Proteína bruta*	17,74	16,37	17,02	14,75	15,31	13,97	14,53	13,09

*Análise na Ata - Controller Análise em São Paulo

TABELA 2 - Dados de desempenho segundo as rações experimentais

Características	A	B	C	D
Ganho de peso(g)	716 a	646 b	638 b	614 b
Consumo de ração(kg)	2,33 a	2,40 ab	2,44 ab	2,57 b
Conversão alimentar(kg)	3,26 a	3,72 b	3,83 b	4,20 c
Relação lucro/despesa*	1,20 b	1,53 a	1,59 a	1,56 a

*Retorno líquido por Cr\$ investido na alimentação



EMCAPA

Empresa Capixaba de Pesquisa Agropecuária

Caixa Postal - 125

29.154 - Campo Grande - Cariacica (ES)

Vinculada à Secretaria de Estado da Agricultura

CEP

--	--	--	--	--